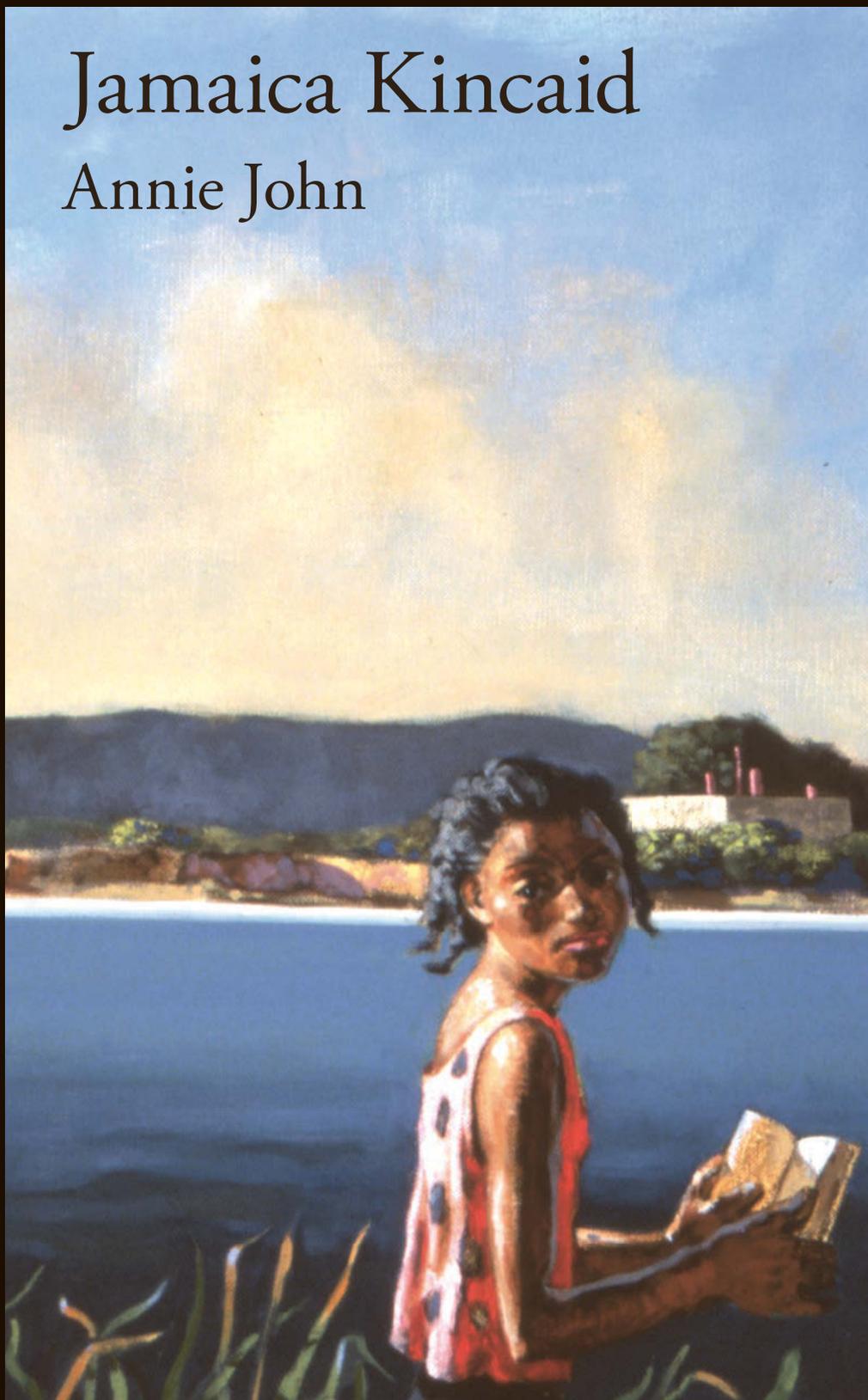


ALFAGUARA

# Jamaica Kincaid

## Annie John

Tradução de Alda Rodrigues



## Silhuetas ao longe

Durante algum tempo, no ano em que fiz dez anos, julguei que só as pessoas que não conhecia morriam. Na altura em que pensava assim, estava nas férias de verão e vivíamos mais longe, na Fort Road. Habitualmente, morávamos numa casa na Dickenson Bay Street que o meu pai tinha construído com as suas próprias mãos, mas, como naquele momento o telhado estava a ser renovado, fomos para uma casa na Fort Road. Só tínhamos dois vizinhos: Mistress Maynard e o marido. Nesse verão, tínhamos uma porca que acabara de ter dois leitões; galinhas-da-índia; e umas patas que punham uns ovos enormes que, segundo a minha mãe, mesmo para ovos de pata, eram grandes. A única comida que eu não detestava eram esses ovos

gigantescos, cozidos. Durante todo o dia, não tinha nada para fazer, a não ser dar de comer às aves de criação e à porca, de manhã e à tardinha. Só falava com os meus pais e, às vezes, com Mistress Maynard, se a visse quando ia buscar as cascas de legumes que a minha mãe lhe pedira para guardar, por ser a comida preferida da porca. Do nosso quintal, via o cemitério. Só soube que era o cemitério quando comentei com a minha mãe que, às vezes, quando dava de comer à porca ao fim do dia, via várias silhuetas pequenas e delgadas, umas vestidas de preto, outras de branco, oscilando ao longe, para cima e para baixo. Reparava também que estas silhuetas delgadas a preto-e-branco podiam aparecer de manhã. A minha mãe explicou que deviam ser enterros de crianças, já que estas eram sempre enterradas de manhã. Até esta altura, eu não sabia que as crianças morriam.

Como toda a gente que conhecia, eu tinha medo dos mortos. Tínhamos medo dos mortos porque nunca sabíamos quando poderiam reaparecer. Às vezes, apareciam em sonhos, o que não era tão mau porque, em geral, só traziam um aviso e, de qualquer modo, dos sonhos, acordamos. Outras vezes, no entanto, apareciam debaixo de uma árvore, precisamente quando passávamos. Então podiam seguir-nos até casa e, apesar de nem sempre conseguirem entrar, havia a possibilidade

de esperarem por nós e de nos seguirem para onde quer que fôssemos; nesse caso, só desistiam se nos juntássemos a eles. A minha mãe sabia de muita gente que tinha morrido assim. Conhecia muitas pessoas que tinham morrido, incluindo o seu próprio irmão.

Depois de perceber que era um cemitério, ficava no quintal à espera dos funerais. Em alguns dias, não havia. «Não morreu ninguém», comentava com a minha mãe. Noutros, precisamente quando estava prestes a desistir e a ir para dentro, via as pequenas manchas aparecerem. «Porque se terão atrasado tanto?», perguntava à minha mãe. Se calhar havia alguém que não conseguia assistir ao fecho do tampo do caixão e, por gentileza, o cangalheiro tinha deixado a situação prolongar-se durante demasiado tempo, respondia ela. O cangalheiro! A caminho da vila, passávamos pela funerária. No exterior, um letreiro anunciava: **STRAFFEE & FILHOS, AGENTES FUNERÁRIOS & MARCE NEIROS**. Percebia sempre quando estávamos perto, por causa do aroma de resina de pinheiro e verniz que se sentia no ar.

Mais tarde, regressámos à nossa casa no centro e deixei de ter vista para o cemitério. Continuava sem ter conhecido ninguém que tivesse morrido. Um dia, uma

menina mais pequena, filha de uma amiga da minha mãe, morreu nos braços da minha mãe. Eu não conhecia a menina, embora a tivesse visto de relance uma ou duas vezes, ao passar por ela e pela mãe quando saíam do nosso quintal, mas tentei recordar tudo o que tinha ouvido sobre ela. Chamava-se Nalda; era ruiva, muito ossuda e não gostava de comer. Na verdade, comia lama, e a mãe tinha de estar sempre atenta, para a impedir. O pai fazia tijolos e a mãe vestia-se de um modo que o meu pai achava pouco próprio. Ouvi a minha mãe descrever ao meu pai os pormenores da morte de Nalda: adoeceu com febre, perceberam que respirava de modo diferente, chamaram um carro, e levavam-na a toda a pressa ao Dr. Bailey quando, no preciso momento em que atravessavam uma ponte, ela expeliu um longo suspiro e ficou inerte. O Dr. Bailey confirmou que tinha morrido — quando ouvi isto, fiquei bem contente por não ser ele o meu médico. A minha mãe pediu ao meu pai para fazer o caixão de Nalda, e ele tratou disso, esculpindo ramos de flores minúsculas dos lados. A mãe de Nalda chorou tanto, que teve de ser a minha mãe a tratar de tudo e, como os cangalheiros não preparavam crianças, teve de ser ela a preparar a menina para ser enterrada. Passei então a olhar de modo diferente para as mãos da minha mãe. Tinham acariciado a testa da menina

morta; tinham-lhe dado banho e tinham-na vestido; tinham-na instalado no caixão que o meu pai fizera. A minha mãe chegou da casa da menina morta a cheirar a colónia — um odor que durante muito tempo me fez sentir enjoada. Durante algum tempo, embora não muito, não quis que a minha mãe me acariciasse, nem que tocasse na minha comida ou me ajudasse a tomar banho. Acima de tudo, não suportava ver as mãos dela, tão quietas, no regaço.

Na escola, descrevi esta morte a todas as minhas amigas. Chamava-as à parte individualmente, para poder repetir os pormenores uma e outra vez. Elas ouviam-me boquiabertas. Por sua vez, falavam-me da morte de um conhecido, ou de alguém que tivessem ouvido dizer que tinha morrido. Também eu ouvia boquiaberta. Uma conhecia muito bem um vizinho que fora nadar depois de uma refeição opípara num piquenique e se afogara. Outra tinha um primo que um dia, a meio de qualquer coisa, simplesmente caíra morto. Outra ainda conhecia um rapaz que morrera depois de ter comido bagas venenosas. «Caramba!», exclamámos uma para a outra.

Eu gostava muito — e, por isso, atormentava-a até às lágrimas — de uma rapariga chamada Sonia.

Era mais baixa do que eu, apesar de ser quase dois anos mais velha; além disso, era tontinha — a primeira tontinha a sério que conhecia. Era tão tontinha, que às vezes nem se lembrava de como se escrevia o seu próprio nome. Esforçava-me por chegar à escola cedo para lhe emprestar os trabalhos de casa, de modo que ela pudesse copiar, e, nas aulas, passava-lhe os resultados das contas. Os meus amigos ignoravam-na e, sempre que eu referia o seu nome de modo favorável, faziam uma careta e uma interjeição de desprezo. Eu achava-a linda e dizia-lho. Tinha cabelo negro, comprido e espesso, que tombava liso sobre os seus braços e pernas; deslizando pela nuca e passando pelo meio das costas, até ser engolida pelo uniforme da escola, via-se uma linha desse mesmo cabelo negro, longo e espesso, só que alargando-se como se uma brisa ligeira tivesse soprado, para o dividir. No intervalo, com dinheiro roubado da bolsa da minha mãe, comprava-lhe uma guloseima — um gelado chamado *frozen joy*, alegria congelada —, depois sentávamo-nos debaixo de uma árvore, no recreio da escola. Então observava-a e tornava a observá-la, estreitando e abrindo muito os olhos, até o meu olhar a impacientar. Puxava-lhe o cabelo que se derramava sobre os braços e pernas — a princípio, com jeitinho, depois com muita força, esticando-o com as pontas dos dedos até ela protestar. Durante

umas semanas, não apareceu na escola — disseram-nos que a mãe, que estava grávida, tinha morrido de repente. Nunca mais consegui falar com ela, apesar de termos sido colegas de turma durante mais dois anos. Dava tanta pena, uma rapariga a quem a mãe morrera, deixando-a sozinha no mundo.

Pouco depois da morte da menina nos braços da minha mãe, a caminho do médico, Miss Charlotte, nossa vizinha do outro lado da rua, sofreu um colapso enquanto falava com a minha mãe, e morreu. Se a minha mãe não a tivesse segurado, teria tombado no chão. Nesse dia, quando regressei da escola, a minha mãe anunciou: «A Miss Charlotte morreu.» Eu conhecia muito bem Miss Charlotte e tentei imaginá-la morta. Não consegui. Não sabia como era o aspeto de um morto. Sabia como era Miss Charlotte quando regressava do mercado. Sabia como ela era quando ia à igreja. Sabia como era quando proibia o cão de me perseguir pela rua fora, porque me metia medo. Certa vez, Miss Charlotte adoeceu e a minha mãe pediu-me para lhe levar uma tigela de comida; por isso, vi-a deitada na cama, de camisa de noite. Foi enterrada num caixão que não foi feito pelo meu pai, e não me deixaram ir ao funeral.

Na escola, quase toda a gente que eu conhecia já tinha visto um morto — não o espírito de um morto,

mas um verdadeiro cadáver. A rapariga na carteira ao lado deixou subitamente de chuchar no polegar quando a mãe o lavou na água em que tinham banhado um morto. Eu disse-lhe que se calhar a mãe a tinha enganado — de certeza que tinha usado água normal, já que era mesmo o género de partida que a minha mãe me pregaria. Mas ela conhecia a minha mãe e respondeu que se via bem que não era nada parecida com a dela.

Comecei a ir a funerais. Não o fazia como alguém oficialmente de luto, pois não conhecia as pessoas que tinham morrido, e ia sem autorização dos meus pais. Visitava as casas funerárias ou as salas de estar onde os mortos eram instalados para os enlutados se despedirem. Quando ouvia o sino tocar os dobres de finados, tentava descobrir quem tinha morrido e onde o funeral ia ser — se em casa ou na funerária. A funerária ficava mais ou menos em caminho, quando regressava a casa, mas, por vezes, para ir à casa de alguém, tinha de ir na direção oposta. A princípio, não entrava: ficava simplesmente no exterior, observava as pessoas que entravam e saíam, ouvia os soluços e gemidos incredivelmente altos dos parentes e amigos próximos e assistia à saída do cortejo fúnebre para a igreja. Com o tempo, no entanto, passei a entrar, para dar uma olhadela. A primeira vez em que realmente vi um morto, fiquei sem saber o que pensar. Como não o conhecia,

não tinha termo de comparação. Nunca tinha visto aquela pessoa rir, sorrir, franzir o sobrolho nem enxotar uma galinha do jardim. Por isso, olhei e voltei a olhar, durante o máximo de tempo que foi possível, sem deixar ninguém perceber que estava ali só por curiosidade.

Um dia, morreu uma rapariga da minha idade. Eu não sabia como se chamava, nem nada pessoal sobre ela, a não ser que era da minha idade e tinha corcunda. Frequentava outra escola; no dia do funeral, toda a gente dessa escola teve o dia livre. Na minha, não se falava de outra coisa: «Conhecias a rapariga corcunda?» Lembrei-me de que, uma vez, tinha estado atrás dela na fila para requisitar livros na biblioteca; depois vi uma mosca aterrar na gola do seu uniforme e percorrer para cima e para baixo o tecido achatado sobre a corcunda. Quando soube que tinha morrido, lamentei não ter dado umas pancadinhas na corcunda, para verificar se era oca. Lembrei-me também de que ela tinha o cabelo penteado em quatro tranças e que as riscas estavam tortas. «Deve ter sido ela própria a pentear-se», comentei. Ainda assim, tinha finalmente morrido alguém que eu conhecia. No dia do funeral, logo que pronunciámos o último amém das orações do fim do dia, saí da escola a correr e segui para a funerária. Quando cheguei, a rua estava cheia de meninas da escola dela, todas com o vestido branco do uniforme.

Era uma grande multidão; as meninas demoravam-se por ali, conversando tranquilamente, com ar muito importante. Não tinha tempo para parar e sentir verdadeira inveja delas; avancei para a porta e entrei na funerária. Lá estava ela. Jazia no habitual caixão envernizado de pinho, num leito de lilases malva e brancos. Estava de vestido branco, provavelmente até aos tornozelos, mas não tive tempo de ver com cuidado. O que eu queria ver era a cara. Lembrava-me do aspeto dela, naquele dia na biblioteca. A cara estava normal. Tinha olhos negros, narinas achatadas, lábios carnudos. Jazendo morta, parecia igual, a não ser pelos olhos fechados e por estar tão quieta. Uma vez, a propósito de um morto, tinha ouvido alguém comentar que era como se estivesse a dormir. Mas eu já tinha visto pessoas a dormir, e esta rapariga não parecia adormecida. Os meus pais tinham-me comprado recentemente um *View-Master*. O aparelho vinha com diapositivos das Pirâmides, do Taj Mahal, do Evereste e de paisagens do rio Amazonas. Quando funcionava bem, todas as paisagens pareciam vivas, como se pudéssemos simplesmente entrar no *View-Master* e descer o Amazonas de barco, ou olhar para as Pirâmides de baixo. Quando funcionava mal, era como ver uma imagem colorida normal. Quando fitei esta rapariga, foi como se o *View-Master* não funcionasse bem. Observei-a durante

muito tempo — tanto, que, por minha causa, a fila de pessoas que esperavam para passar diante do caixão aumentou, aproximando-se do limiar da impaciência. Claro que, enquanto olhava, tive o cuidado de manter a mão bem fechada, já que não queria cometer o erro de apontar, porque os dedos apodreceriam e cairiam logo ali. A seguir, sentei-me entre os enlutados. A família sorriu-me, pensando, sem dúvida, que eu era colega da escola, apesar de ter um uniforme diferente. Entoámos um cântico — *All Things Bright and Beautiful* — e a mãe explicou que tinha sido o primeiro que a rapariga corcunda aprendera de cor.

Fui a pé para casa. Ia chegar muito mais tarde do que era costume, mas estava demasiado empolgada para me preocupar. Perguntei-me se um dia, quando fosse a algum lado sozinha, veria a rapariga corcunda debaixo de uma árvore, e se ela tentaria convencer-me a ir nadar ou a comer uma peça de fruta — quando a minha mãe desse por isso, teria de pedir ao meu pai para fazer o meu caixão. Claro que o meu pai ficaria tão transtornado pela dor, que não seria capaz, e teria de pedir a Mr. Oatie que o fizesse, apesar de detestar pedir favores a Mr. Oatie porque, como o ouvira comentar com a minha mãe, ele era tão sanguessuga, que tentava chupar o sangue das pessoas até ao tutano, obrigando-as a pagar o dobro de tudo.

Quando cheguei a casa, a minha mãe perguntou pelo peixe que eu, depois da escola, devia ter ido buscar a Mr. Earl, um dos nossos pescadores. Com a excitação, no entanto, tinha-me esquecido completamente. Tentando pensar depressa, respondi que, quando chegara ao mercado, Mr. Earl me tinha dito que naquele dia não tinham saído para pescar porque o mar estava demasiado agitado. «Ai é?», perguntou a minha mãe, antes de destapar uma frigideira com três peixes lado a lado, temperados com sumo de limão, manteiga e cebolas: um peixe-anjo para o meu pai, um peixe *kanya* para a minha mãe e um peixe-médico para mim — os preferidos de cada um. Enquanto eu estava na funerária, Mr. Earl cansara-se de esperar e viera ele próprio entregar o peixe a nossa casa. Nessa noite, como castigo, jantei lá fora, sozinha, debaixo da árvore-do-pão, e a minha mãe anunciou que, mais tarde, não viria dar-me um beijo de boa-noite. Apesar disso, quando fui para a cama, apareceu e beijou-me mesmo assim.

**Declinando um tema universal — a perda da infância —, este romance de Jamaica Kincaid conta a assombrosa história de Annie, uma protagonista de inesquecível rebeldia que fez nascer uma voz literária incontornável.**

Filha única adorada, Annie vive uma infância idílica numa ilha paradisíaca do Caribe. O centro do seu pequeno mundo é a mãe, presença poderosa e benigna, de quem é inseparável. Mas, como em todos os paraísos, há uma serpente à espreita em algum recanto. Quando faz doze anos, tudo muda: começa a questionar o seu pequeno universo insular; revolta-se na escola; estabelece intensas amizades com outras raparigas; e a relação simbiótica com a mãe, até então seu porto seguro, transfigura-se em tensão e rivalidade.

O desvio na rota prossegue, de formas misteriosas até para a própria Annie: resiste ao casamento como destino inevitável; teme o futuro na ilha; cai sem remédio na melancolia do espírito. Quando chegam ao fim os anos de escola, Annie decide abandonar a ilha e a família. Nesta viagem sem retorno, leva consigo o luto pelo amor da mãe, o luto pela própria inocência.

Com notável mestria literária, Jamaica Kincaid exhibe neste romance a sua voz encantatória e pungente, irónica e inconformista. *Annie John* é uma narrativa universalmente familiar, que desata o nó dos complexos laços maternos e abre caminho a todas as descobertas.



**Autora vencedora dos prémios**

**Guggenheim Award for Fiction ★ Prix Fémina Étranger**

**Royal Society of Literature ★ Paris Review Hadada Prize**

**«Não recordo nenhum outro escritor cuja voz contenha tamanha intensidade de raiva e de amor. É uma sonoridade mágica, litúrgica, cheia de música.»**

MONA SIMPSON, *The Paris Review*

**«Uma prosa cirúrgica, irónica e impressionante. [...] Jamaica Kincaid transcende o tempo e a categorização. [...] É uma das grandes cronistas das dinâmicas de família no século XX.»**

JANE SMILEY, *The Guardian*



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

f alfaguaraeditora  
penguinlivros

ISBN 9789897876134



9 789897 876134 >